

A RECEPÇÃO DA ECONOMIA MATEMÁTICA EM PORTUGAL: DE SERAFIM DE AZEVEDO A BENTO CARAÇA

Carlos Bastien
FCUL

A economia matemática tem uma tradição relativamente recente em Portugal.

No decurso do século XIX existiam já na Europa, e particularmente em França, alguns desenvolvimentos nesta área. Pelo pioneirismo e pela relevância de alguns conceitos introduzidos são particularmente representativos desta corrente o matemático Antoine Cournot e sobretudo o engenheiro Jules Dupuit. O primeiro analisando a determinação dos preços a partir da procura e da oferta consideradas função do preço e o segundo, um engenheiro da *École des Ponts et Chaussées*, utilizando funções de procura para determinar o excedente do consumidor.

Esta linha de análise microeconómica, largamente minoritária, teve alguma repercussão em Portugal, nomeadamente num estudo de Severim de Azevedo (1847–1884). Não que este engenheiro-economista tenha apresentado de forma explícita resultados teóricos mas porque baseou o cálculo das tarifas ferroviárias em perspectivas tributárias dos trabalhos daqueles engenheiros franceses ([1], [3]).

Em qualquer caso, este arranque da economia matemática não teve continuidade imediata. Nem mesmo a recepção pelos meios académicos portugueses do *Cours d'Economie Politique* de Clément Colson, o primeiro curso de economia política editado em França contendo diagramas e alguns modelos formais simples, editado a partir de 1901, despertou o interesse dos seus pares portugueses pela economia matemática. Tão pouco os matemáticos portugueses deste período, ao contrário do que sucedeu com Poincaré, por exemplo, se interessaram por temas económicos ([5, 42–45]).

Foi só já no início da segunda década do século XX que António Horta Osório (1882–1960) realizou incursão no terreno da economia matemática. Este jurista, temporariamente convertido em economista, publicou um manual de ensino no qual procurava justificar a importância do método matemático em economia [4]. Sem grande originalidade teórica no plano internacional, definindo a economia como a ciência que tem por objecto «a mecânica racional dos desejos» [4, p. 72]), este livro, publicado também em França dois anos após a sua edição portuguesa, continha também uma exposição do essencial das contribuições analíticas de Léon Walras e de Vilfredo

Pareto, designadamente no que se refere à análise do equilíbrio económico geral aplicada ao mercado de produtos finais. Apresentado num concurso público para professor de economia política na Escola Politécnica de Lisboa, este manual de ensino de Osório foi preterido pelo júri e não teve impacto nem continuidade na cena do pensamento económico em Portugal.

Alguns anos mais tarde, coube a Bento Caraça (1901–1948) redescobrir a economia matemática. Fê-lo quando ainda aluno do curso superior de comércio, designadamente numa memória que apresentou em 1923.

Apoiando-se mais uma vez em trabalhos de autores franceses, em particular de Jacques Moret, Caraça definia então a economia como um ramo «das ciências de matemática aplicada» [4, p. 53] e procedia a uma exposição breve do programa de investigação neoclássico. Situava-se então numa linha não muito diferente da que Osório protagonizara alguns anos antes.

Numa fase mais tardia da sua carreira, Caraça regressou a temas económicos mas então, em especial nos anos 1938 a 1946 em que dirigiu o Centro de Estudos de Matemática Aplicada à Economia, para se ocupar da econometria, cujos ecos lhe iam chegando irregularmente. Abandonando a metodologia individualista e a referência à mecânica próprios do programa de programa de investigação neoclássico procurava nesta fase da sua carreira valorizar a dimensão colectiva, social, da economia.

Com o afastamento de Caraça e de muitos dos seus colaboradores do sistema universitário em 1946 terminou de algum modo a pré-história da economia matemática em Portugal. Após um hiato, a reforma do plano de estudos do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras ocorrida em 1949 deu finalmente expressão local e continuidade à revolução quantitativa então em curso na cena do pensamento económico internacional.

Bibliografia

- [1] Azevedo, E. R. Severim de, (1883), *Relatório apresentado à Direcção Geral das Obras Públicas e Minas por Eugénio Rodrigues Severim de Azevedo, Capitão de Engenharia, engenheiro fiscal, chefe de secção, na linha férrea da Beira Alta, deputado da nação. Caminhos de Ferro, Tarifas e Estatística*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- [2] Caraça, B. J. (2010), *Inéditos de economia matemática*, Lisboa, Gradiva.
- [3] Mata, M. E., (s/d), *Nineteenth-Century reasoning on pricing for railroad services: the Portuguese economist Severim de Azevedo's contributions*. [Artigo ainda inédito].

- [4] Osório, A. H, (1911), *A matemática na economia pura: a troca*. Lisboa. Centro Tipográfico Colonial.
- [5] Zylberberg, A., (1990), *L'économie mathématique en France, 1870–1914*, Paris, Economica